

## GÊNEROS DIGITAIS NOS LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA INGLESA

Silvelena Cosmo Dias<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo tem por objetivo averiguar, de modo crítico e reflexivo, como acontece a remediação dos gêneros virtuais para os livros didáticos de língua inglesa, destinados ao ensino médio, integrantes do PNLD. Atentando para esse fato, empreendemos uma análise interpretativa nas atividades didáticas de produção escrita em que o LD de LI utiliza esses gêneros, especificamente, o e-mail e o blog. Observamos que a remediação dos gêneros digitais para o material didático acarreta modificações, transformações na linguagem utilizada e que esta se mostra de forma híbrida e heterogênea.

**PALAVRAS-CHAVE:** gênero; e-mails; weblogs; língua inglesa.

**ABSTRACT:** This article aims to investigate critically and reflectively how happens virtual genres remediation to English textbooks for high school, integrating of National Textbook Program (PNLD). Paying attention to this fact, we undertook an interpretative analysis in didactic activities of writing production in which English textbooks use these genres, specifically, e-mail and blog. We observed that remediation of digital genres to the English textbooks bring transformations, changes in the language used and it shows to be hybrid and heterogeneous.

**KEYWORDS:** Gender; emails; weblogs; English language.

### Introdução

Pela primeira vez, na história da educação brasileira oficial, o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) inclui na área de *Linguagem, Códigos e suas tecnologias*, o componente curricular: Língua Estrangeira Moderna para o segmento do ensino médio, de acordo com o *Guia de livros didáticos* (BRASIL, 2011). Os livros, acompanhados de um CD com áudio, foram avaliados de acordo com os critérios elaborados pelo MEC (Ministério de Educação e Cultura). Os livros de língua estrangeira (LE) aprovados no processo de avaliação chegaram às escolas públicas do Brasil, com um diferencial em relação aos demais livros de outros componentes curriculares que fazem parte do PNLD: os livros de espanhol e de inglês são consumíveis, os demais não são. Dessa maneira, os livros de LE pertencem ao aluno, ele o usa e, no final do ano letivo, o aluno não precisa devolvê-lo para a escola.

Esse processo de avaliação, segundo o *Guia de Livros Didáticos: PNLD 2012: Língua Estrangeira Moderna* (documento oficial elaborado pelo MEC e enviado às escolas de ensino oficial do país), seguiu critérios eliminatórios específicos da área *Linguagens, Códigos e suas*

---

<sup>1</sup> É mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS (2010) e doutoranda em Língua Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. E-mail: diascosmo@yahoo.com.br

*Tecnologias* - Língua Estrangeira Moderna e, se pautou na definição de linguagem como:

[...] atividade social política, que envolve concepções, valores e ideologias inerentes aos grupos sociais; atividade em permanente construção, por isso heterogênea e historicamente situada; prática discursiva, expressa por meio de manifestação verbal e não verbal e que se concretiza em diferentes línguas e culturas (BRASIL 2011, p. 10).

Tendo em vista essa concepção de linguagem, os livros didáticos de língua inglesa (LDs de LI) devem fazer uso dos mais diversificados gêneros da modalidade oral e escrita como instrumentos de ensino a fim de conduzir o aluno do ensino médio ao desenvolvimento do letramento crítico. Dessa forma, considerando o impacto das novas tecnologias na vida humana, redirecionando novos rumos ao conhecimento e à informação, amenizando as diferenças sociais e culturais, influenciando decisivamente no tempo, no espaço e na maneira das pessoas agirem e pensar, os autores inseriram nos LDs de LI textos com características típicas dos gêneros virtuais, como uma tentativa para permanecerem no mercado consumidor, para se manterem atualizados, modernos e atrativos para o seu público (aluno e professor da rede oficial de ensino), e até mesmo para não serem substituídos pelas novas tecnologias.

Dentro desse contexto, esta pesquisa propõe a empreender uma análise de cunho interpretativo nos LDs de LI, integrantes do PNLD, tendo como objetivo observar como alguns textos, com características específicas de gêneros digitais, se manifestam no material didático e descrever como se dá essa manifestação de modo crítico/reflexivo em consonância com o sistema de ensino e aprendizagem de língua estrangeira.

## **1. Gêneros textuais e suas transformações**

A linguagem acompanha a humanidade desde a pré-história. Somos humanos porque, ao fazermos uso da linguagem verbal ou não verbal, nos comunicamos e nos comunicamos porque somos humanos e, adquirimos a linguagem de forma organizada, pelo modo de ser, por meio da ação social e cultural (BAKHTIN, 1997, p. 277-326). Com relação a isso, alguns teóricos se posicionam: Caballero (2008, p. 14), afirma que adquirimos a linguagem de uma forma padronizada através dos diversos gêneros a que estamos expostos, desde que nascemos; Machado (2003, p. 119) considera “as formas de organização das mensagens tão infinitas quanto as possibilidades de uso da língua”; da mesma forma, são os gêneros, uma vez que

estes são identificados na “civilização ocidental” desde a “cultura grega oral ou escrita”; a “cultura letrada centrada na leitura” e depois na “escrita impressa”.

Os pesquisadores Yates e Orlikowski (1992 *apud* CROWSTON; WILLIAMS, 1997) usam os gêneros como uma base de estudos sobre comunicações em organizações. Eles definem o termo “gênero” como um tipo peculiar de ação comunicativa, caracterizado por propósito comunicativo, socialmente, reconhecido e por aspectos comuns de forma. Os autores introduzem o conceito de repertório de gêneros: o conjunto de gêneros em uso dentro de uma comunidade. Eles observam que diferentes comunidades usam diferentes gêneros, e usam gêneros comuns com frequências diferentes.

Berkenkotter e Huckin (*apud* CABALLERO, 2008) apontam que “os gêneros devem ser flexíveis e dinâmicos, capazes de modificação de acordo com as exigências das situações retóricas”. Baseando-se na teoria da estruturação, de Giddens, Orlikowski e Yates (1992 *apud* CROWSTON; WILLIAMS, 1997), argumentam que, “as pessoas produzem, reproduzem e alteram os gêneros através de um processo de estruturação”. Orlikowski e Yates sugerem que numa nova situação, as pessoas, normalmente, recorrem a seus repertórios de gênero existentes, reproduzindo gêneros que têm experimentado como membros de outras comunidades. Por exemplo, os gêneros tradicionais como o livro ou artigo acadêmico mudaram intacto para a web. Tais reproduções podem ser aceitas, imediatamente, ou podem exigir um período de transição, durante a qual os limites do gênero são renegociados. Ou ainda, pode acontecer o oposto, como observado nos LDs de LI; eles saíram intactos da tela do computador para as páginas do livro, fazendo uso dos gêneros digitais, ou seja, os gêneros textuais que circulam na internet ou, como define Machado (2003, p. 121), “o contexto digital como um ambiente potencializador de linguagens artificiais, podemos agora situar neles as esferas de usos das linguagens ou formas comunicativas processadas digitalmente ou pela via online, isto é, pela conexão e estrutura de rede dos computadores”.

Segundo os pesquisadores Crowston e Williams (1997), a definição de gênero depende da aceitação social, conseqüentemente, torna impossível definir o ponto exato em que um novo gênero emerge do antigo, como é o caso dos blogs que surgiram em decorrência dos diários. A aceitação do novo gênero pode levar anos. No entanto, depois de algum período de coexistência, a nova combinação de forma e efeito pode tornar-se aceita e reconhecida;

porém, com outro nome de gênero. O surgimento de novos gêneros seria um sinal da formação de uma nova comunidade com novas práticas comunicativas.

Alguns motivos movem os autores Orlikowski e Yates (1992 *apud* CROWSTON; WILLIAMS, 1997) à necessidade de estudar os gêneros que circulam na Web, considerando que as capacidades dos novos meios de comunicação podem contribuir para o desenvolvimento de novos gêneros de comunicação e muitos exemplos de comunicação na Web estão facilmente disponíveis em razão deles estarem situados no âmbito público. Portanto, o resultado do repertório de gêneros tem muito a ver com o resultado de interações entre eles e entre seus usuários. Uma atenção explícita para gênero irá acelerar a uma maior aceitação de novos gêneros emergentes de comunicação exclusivos para a Web.

## **2. Gêneros digitais ou cibergêneros**

A demanda de uso das ferramentas eletrônicas e das mídias oferecidas pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), como afirma Caballero (2008), tem contribuído, para o surgimento de novas formas de interação comunicativa através do meio eletrônico (e-discurso) e para o número crescente de gêneros personalizados ou resultantes dela (cibergêneros).

Um panorama geral das abordagens, definições do conceito de gênero e as suas possíveis implicações para o aparecimento desses gêneros na mesma forma, ou com alterações no espaço midiático, são apresentadas por Caballero (2008). A autora em questão pontua algumas pesquisas sobre as mudanças que os gêneros vêm sofrendo desde a sua adaptação ao novo meio para o surgimento de gêneros, especialmente, aqueles concebidos para a Web. É o que tem revelado as pesquisas desenvolvidas por Orlikowski e Yates (1994, 1998), Shepherd e Watters (1998), Crowston e Williams (2000), Santini (2006).

Caballero (2008) ressalta as pesquisas realizadas por Shepherd e Watters (1998 *apud* CABALLERO, 2008), sobre a relação entre gêneros e os que circulam no meio virtual, classificados em gêneros sobreviventes e novos cibergêneros, que por sua vez, subdividem em gêneros emergentes e espontâneos. Os gêneros sobreviventes são os que reproduzem os gêneros convencionais e podem ainda ser agrupados em gêneros replicados ou gêneros variantes de acordo com sua maior ou menor exploração das possibilidades proporcionadas

pelo meio (ligações hipertextuais). Os novos cibergêneros são os típicos do novo meio e que se dividem em dois tipos: gêneros emergentes (gêneros que têm evoluído a partir dos convencionais na medida em que eles podem ser considerados relativamente novos) e; gêneros espontâneos (aqueles que só existem no novo meio) (CABALLERO, 2008).

Outros estudos sobre o aparecimento, alteração e transformação de gêneros que Caballero (2008) ressalta são os realizados por Crowston e Williams (1999, 2000), já mencionados aqui. Esses autores pontuam que os gêneros disponíveis na Web são divididos em três conjuntos: os gêneros reproduzidos (que mostram nenhuma mudança em relação aos originais de impressão); gêneros adaptados (que vão além de seu propósito original graças às novas tecnologias: jornais on-line ou documentos com várias páginas, resenha do livro ligado a uma loja on-line) e; novos gêneros exclusivos para o novo meio (hotlists ou weblogs).

Como acontece na comunicação convencional, enfatiza Caballero (2008), segundo as pesquisas reveladas por Santini (2007) e Villanueva et al (2008.), gêneros on-line são constantemente alterados na medida em que as formas adaptadas podem originar os emergentes num tempo razoavelmente curto - ambas as versões coexistem na Web e, portanto, colocam em primeiro plano a fronteira difusa de gêneros digitais ou não.

### **3. Desterritorização virtual ou digital**

O surgimento dos cibergêneros se sustenta nessa “nova” forma de contato, entre as pessoas, mediada pela virtualidade, considerada, no sentido de que não há um espaço físico, local, ou território demarcado onde se dá a interação humana. Talvez seja essa virtualidade, de acordo com Machado (2003, p. 121), que explica o fato de os teóricos terem adotado o termo “gênero virtual”, apesar da “opção pelo termo digital” como uma forma de “preservar a noção de enunciado cujo potencial dialógico se revela na passagem de uma dimensão a outra”. Nesse sentido, a autora (2003, p. 122) considera a digitalização como “o núcleo dialógico do enunciado processado eletronicamente. Qualquer conteúdo, qualquer mensagem, texto, imagem, movimento, som, pode ser digitalizado e ganhar a estruturalidade de um enunciado concreto, ainda que seja virtual”.

Dessa forma, o som, a imagem em movimento e o gráfico integram o sistema de linguagens modelizantes digitalmente, tendo como característica fundamental uma estrutura

não linear. A título de exemplo, é o hipertexto que, segundo Lévy (1999, p. 56), “é um texto móvel, caleidoscópico, que apresenta suas facetas, gira, dobra-se e desdobra-se à vontade frente ao leitor”. Ele contém a mesma estrutura do texto, porém, a quebra da linearidade é uma de suas características fundamentais, podendo este adotar a linguagem verbal ou não, bem como agregar uma infinidade de textos dentro de outros textos.

Para que aconteça essa materialidade da escrita, da imagem em movimento e do som no espaço digital; ou seja, desse processo operacional de recodificação, é preciso de um “design de gêneros”, ou seja, de uma “interface gráfica especialmente confeccionada para garantir a interação [...] entre os discursos”. Nesse sentido, “é o design que se encarrega de tecer os gêneros geradores do texto digital tal como acontece na melhor tradição dos textos verbais” (MACHADO, 2003, p. 123). Sem essa ferramenta é impossível pensar em gêneros digitais, sejam esses reproduzidos, adaptados ou exclusivos para a Web, como os e-mails e os weblogs.

#### **4. Gêneros digitais: e-mails e blogs**

As tecnologias e os meios eletrônicos de comunicação não só têm facilitado novas práticas comunicativas, portanto, linguísticas, como também têm favorecido para o surgimento de novos gêneros textuais: gêneros digitais emergentes como blogs, chats, fóruns, e-mails, hotlist, entre outros, acarretando um redirecionamento nos processos culturais e sociais. Com a presença constante dos computadores e da internet nas nossas atividades diárias, tornou-se relevante, principalmente, para aqueles que estudam a linguagem, estudar sobre esses gêneros emergentes no ambiente digital.

Com relação aos “gêneros emergentes nessa nova tecnologia”, Marcuschi (2004, p.13) afirma que eles “são relativamente variados, mas a maioria deles tem similares em outros ambientes, tanto na oralidade quanto na escrita”. A comunicação no ambiente virtual é centrada na linguagem escrita com característica da linguagem oral. O autor (2004, p. 27-28) nos fornece uma listagem de doze gêneros digitais, “uma amostra e não uma relação exaustiva, pois pode haver mais gêneros”, considerados os mais estudados: “email, chat em aberto, chat reservado, chat agendado, chat privado, entrevista com convidado, e-mail

educacional, aula chat, videoconferência interativa, lista de discussão, endereço eletrônico e weblog”.

Os e-mails, os chats, listas de discussão e weblogs (diários) são os mais utilizados e “em todos esses gêneros a comunicação se dá pela linguagem escrita”. É certo que, depende para quem se escreve e que tipo de relação hierárquica existe entre emissor e receptor, “esta escrita tende a uma certa informalidade, menor monitoração e cobrança pela fluidez do meio e pela rapidez do tempo” (MARCUSHI, 2004, p. 29).

Os gêneros emergentes virtuais tendem a ter características similares dos gêneros existentes, por exemplo, os e-mails têm a mesma natureza da carta pessoal e do bilhete, os weblogs lembram os diários pessoais, anotações e agendas, sendo esses de maior interesse neste estudo. No entanto, eles têm suas particularidades e devem ser analisados em seus contextos de uso.

O e-mail pessoal, o gênero mais presente em nossas práticas sociais virtuais, é visto por Marcushi (2004, p. 28) como “correio eletrônico com formas de produção típicas e já padronizadas”. No que concerne à origem do gênero e-mail, Paiva (2004, p.72) nos explica que “o e-mail, ou mensagem eletrônica, surgiu em 1971, quando Ray Tomlinson enviou a primeira mensagem de um computador para outro, usando o programa SNDMSG, que ele acabara de desenvolver”. A autora define o e-mail como:

[...] um gênero eletrônico escrito, com características típicas de memorando, bilhete, carta, conversa face a face e telefônica, cuja representação adquire ora a forma de monólogo, ora de diálogo e que se distingue de outros tipos de mensagens devido a características bastante peculiares de seu meio de transmissão, em especial a velocidade e a assincronia na comunicação entre usuários de computadores (PAIVA, 2004, p. 77).

Quanto aos weblogs (blogs, diários virtuais), um dos gêneros digitais mais praticados, são considerados por Braga (2007, p. 190) como “os diários pessoais na rede, uma escrita autobiográfica com observações diárias ou não, agendas, anotações em geral muito praticados pelos adolescentes na forma de diários participativos”. O termo blog, cunhado por John Barger, entrou em circulação em 1997. Esse termo foi usado, inicialmente, como explica Braga (2007, p. 190) “para descrever sites pessoais com comentários e links que fossem atualizados com frequência”. Essa prática comunicativa popularizou-se a partir de 1999, por meio de uma ferramenta chamada “o blogger -, que veio facilitar a edição, atualização e manutenção de textos”. Esse ambiente virtual começou a ser utilizado como uma prática

comunicativa muito popular: os “diários populares” que foram reconfigurados do papel para o ambiente virtual, possuindo, praticamente as mesmas características. No entanto, continua Braga (2007, p. 190):

[...] os recursos oferecidos pelo blogger, em um espaço de tempo muito curto, foram apropriados para servir a outros interesses comunicativos, dando origem a um conjunto muito mais amplos de manifestações de gêneros: blogs-diários, blogs-literários, blogs temáticos, blogs jornalísticos e metablogs – dedicados à avaliação e crítica de outros blogs, como descrevem Oliveira (2002) e Abrão (2005).

Os blogs (audioblogs, fotoblogs, vlogs) são muito populares não só no Brasil, mas também, ao redor do mundo e, seu tamanho é dobrado a cada seis meses. Segundo o site *Technorati*, (site que publica artigos sobre blogs e sobre o mundo dos blogs), em 2005 havia 7,8 milhões de blogs e em 2006, passou a ser 14,2 milhões de blogs. Dentro do conjunto maior que agrega todos os tipos de blogs, a blogosfera, temos o mobloggers, que podem ser atualizados a partir de aparelhos tecnológicos móveis, por exemplo, celulares, laptops e palmtops. A blogosfera está em constante mutação e evolução. Em 2011, os bloggers gastaram muito mais tempo blogging e atualizaram seus blogs com mais frequência que no ano anterior e, o assunto, que era mais pessoal e social, discutido em seus blogs passou a ser profissional e sobre negócios.

Para compreender o funcionamento de alguns meios de comunicação em ambiente virtual, Lemos (2005) analisa os blogs a partir do tripé: emissão, conexão, reconfiguração, consideradas as leis fundadoras da cibercultura. O autor (2005, p. 1) afirma que “por cibercultura compreendemos as relações entre as tecnologias, informacionais de comunicação e informação e a cultura, emergentes a partir de convergência informática/telecomunicações na década de 1970”.

Lemos (2005, p. 5) define blogs como “formas de publicação onde qualquer pessoa pode facilmente dispor e começar a emitir, seja seu diário pessoal, informações jornalísticas, emissões de áudio (os audioblogs) ou vídeos (vlogs) e fotos (fotolog), etc., sejam de caráter amador, jornalístico, humorista, literário”. Seus usuários, além de poder ler as várias postagens sobre assuntos diversos e opiniões divergentes, eles podem adicionar informações e opiniões pessoais. Nesse ponto, Lemos (2005, p. 5) vê, nitidamente, “a liberação do pólo da emissão (qualquer um pode fazer seu blog), o princípio em rede por meio da conexão (blogs

que fazem referência a outros blogs) e a reconfiguração com novos formatos de diários, de publicações jornalísticas, de emissões sonoras e de vídeo, de literatura, etc”.

## **5. Remediação ou o eterno retorno do simulacro?**

Os gêneros virtuais ou digitais podem influenciar a nossa vida diária, de forma que os autores de livros didáticos fazem uso deles, seja para atender uma exigência do MEC, seja uma tentativa de manter os LDs atualizados, modernos e atrativos para o seu público (aluno e professor da rede oficial de ensino). Atentando para esse fato, observamos que os gêneros digitais entram no LD de LI não apenas como objeto de ensino, mas como uma representação de uma mídia na outra, o que o Bolter (2002, p. 48) chama de remediação: “remediation can be, perhaps always is, mutual: older Technologies remediate newer ones out of both enthusiasm and apprehension<sup>2</sup>”, as velhas mídias sendo representadas pelas (nas) novas mídias.

Segundo Bolter, o que as novas mídias estão fazendo hoje é o que as chamadas “velhas mídias” já fizeram; ou seja, uma mídia é representada dentro da outra. A linguagem escrita é uma forma de representação da linguagem oral, o que esta outrora era representada pelos gráficos e ilustrações de uma escrita hieroglífica. Atualmente, presenciamos os jornais impressos remediados pela Web; o rádio é uma remediação do som da voz; a televisão é uma remediação da fotografia, quando apresenta uma imagem fixa e, quando apresenta uma imagem em movimento é a remediação da própria realidade.

O processo da remediação opera, como explica Bolter (2000, p. 62), em concordância com duas estratégias representacionais: “transparent immediacy (attempts to erase or conceal the process of remediation by making the medium invisible)” e “hypermediacy (calls attention to the process of remediation by acknowledging or highlighting the medium itself)<sup>3</sup>”.

A primeira, a imediação é a transparência ou a ausência de mediação ou de representação. É a capacidade de a mídia proporcionar ao espectador o máximo de realidade possível por meio da realidade virtual, sem que ele sinta, perceba a mediação desta. Esse

---

<sup>2</sup> “Remediação pode ser, talvez é, sempre mútua: as tecnologias mais antigas remidiam as mais recentes, com um tanto de entusiasmo e apreensão” (Tradução nossa).

<sup>3</sup> “Imediação transparente (tenta apagar ou esconder o processo de remediação, tornando a mídia invisível) e hipermediação (chama a atenção para o processo de remediação, reconhecendo ou destacando o próprio meio)” (Tradução nossa).

efeito é alcançado pelas mídias digitais imersivas ou não. A título de exemplificar, o autor cita as pinturas da Renascença, a fotografia, a arte moderna, a televisão, o cinema e, mais recentemente, a *World Wide Web*.

A segunda estratégia da remediação, a hipermediação, é a experiência da mediação em si, a consciência do espectador ao saber que todo conhecimento é mediado por algum meio. É o caso do conhecimento da língua inglesa que é mediado pelo LD, que não só apresenta o léxico e a gramática, mas também busca representar os mais variados gêneros em diferentes meios de circulação, mesmo que seja em forma de simulacro, de simulação, no sentido que é defendido por Deleuze (2011).

O termo simulacro foi apresentado pelo filósofo a partir de uma leitura crítica e questionadora a Platão, que estabelece uma linha divisória entre um mundo sensível e o mundo inteligível, entre o mundo das coisas e o mundo ideal. Para Platão, os simulacros são os erros, as confusões e as cópias ruins, fazendo distinção entre àquelas que são melhores daquelas que podem ser piores e apresenta o modelo e a cópia (DELEUZE, 2011).

Para Deleuze (2011), vivemos em um mundo de simulacros, tudo é representação e é representado. Os simulacros, dissimulação, singularidade, tudo gera variação e caminha para uma multiplicidade, para uma potência de geração de duplos, pois o mesmo e o diferente, o semelhante e o discrepante são efeitos de uma simulação, de uma exterioridade, de uma impressão produzida no interior de um observador e, ao mesmo tempo, criada por ele como uma rota de um anel de Moebius; o interior é o exterior e o exterior é o interior; é o dentro e o fora; o real e o virtual: “[...] é a semelhança que se diz da diferença interiorizada, e a identidade do Diferente como potência primeira. O mesmo e o semelhante não têm mais por essência senão ser simulados, isto é, exprimir o funcionamento do simulacro” (DELEUZE, 2011, p. 268).

A simulação, o efeito de funcionamento da existência do simulacro, é fantasmática por ser a marca de semelhança e de diferença, ou seja, de duplicidade que gera no observador; pois, segundo Deleuze (2011, p. 268), o “fantasma é o próprio simulacro, o que acaba simulado, o efeito de simulação, tudo inseparável e indiscernível”. É o eterno devir e que a cada retorno, a cada repetição, o mesmo e o diferente se fazem presentes. Assim, Deleuze, considerando os estudos de Nietzsche sobre o eterno retorno, afirma que o mesmo só retorna para trazer uma marca do diferente. O eterno retorno refere-se aos simulacros, aos fantasmas.

Em cada retorno há traços, resíduos do mesmo e do diferente, há atualizações, modificações e multiplicidades incontornáveis, que não cessam de se manifestar, principalmente, com o advento dos novos suportes computacionais e digitais, com a internet, a arte e a mídia.

Dessa forma, observamos nos LDs de LI a utilização de gêneros que circulam em ambientes virtuais ou digitais (cibergêneros) especificamente, o e-mail e o blog. Com o objetivo de descrever de modo crítico e reflexivo como os autores dos LDs de LI lançam mão desses aspectos linguístico-discursivos, como esses gêneros são transpostos para o papel impresso, empreendemos uma análise interpretativa nas atividades didáticas em que o LD de LI se utiliza dos gêneros digitais.

## **6. Análise do corpus**

Nesta parte, temos como objetivo averiguar como os gêneros digitais são remidiados para o material impresso, observar e descrever, criticamente, como isto é feito nas coleções destinadas ao ensino médio. Para tal, os livros foram examinados com a pretensão de localizar, pontualmente, nos textos e nas atividades linguísticas, como esse gênero é representado. Os recortes (em anexo) são acompanhados de referências: nome do livro didático e número da página dos quais eles foram retirados.

No recorte do livro *On Stage 3*, página 64 (ver anexo), apresenta-se uma atividade de produção escrita (*Writing*), utilizando, como modelo, dois textos no formato de e-mails. Nessa tarefa escolar, o aluno precisa pesquisar nas páginas anteriores da unidade temática e em outras fontes na internet e, em seguida, escrever um e-mail respondendo ao primeiro apresentado. O aluno deve se colocar no lugar do destinatário, ou seja, no lugar de Michael, para quem o e-mail é endereçado.

O conteúdo do primeiro e-mail é um pedido da garota Susan para ajudá-la em uma pesquisa sobre as citações de Albert Einstein (*Einstein's quotations*). Como o rapaz ama Matemática, Física, é um grande fã do cientista; a escola, onde a garota estuda, está realizando um projeto sobre o autor favorito de Michael e, considerando que Susan sabe apenas um pouco sobre esse grande homem, ela acredita que ele está em condições em ajudá-la no dever escolar. E ainda, se justifica que não é uma garota preguiçosa (*I'm not a lazy girl*), o que revela, para nós, que o autor desse texto faz representações de que os alunos do ensino médio,

na rede pública não são um desses novos integrantes da era digital que processam informação com maior rapidez e passam a maior parte de suas vidas “usando computadores, vídeo games, tocadores de música digitais, câmeras de vídeo, telefones celulares, e todos os outros brinquedos e ferramentas da era digital” (PRENSKY, 2001, s. p). Afinal de contas, não seria mais fácil digitar no Google “*Einstein’s quotations*” do que escrever um e-mail, pedindo para alguém fazer isso no seu lugar?

Há uma construção de simulacro (DELEUZE, 2011) do gênero digital (e-mail pessoal) pelo autor do material didático. Com o objetivo de que o aluno realize uma produção escrita na língua alvo, um texto-modelo no formato de um e-mail é apresentado a ele. Vale ressaltar que todos os livros de LI, integrantes do PNLD, são divididos em unidades temáticas e, a última, ou uma das últimas atividades que cada unidade traz é a produção escrita, característica marcante não só dos livros do PNLD de LI, como também dos outros tidos como “velhos” e, principalmente, do livro didático de língua portuguesa. Podemos dizer que há um retorno do velho, mas que não é o mesmo. É uma atividade de produção escrita em que o autor do LD de LI, para inovar, traz o novo, o e-mail, um novo gênero textual, o gênero digital; porém, o sentido construído é outro, não pode ser o mesmo, seu lugar de circulação não é o mesmo, ou seja, o gênero virtual / digital só pode ser digital no ambiente digital. Mesmo assim, não é o “novo”, pois características do velho estão lá, para dar sustentabilidade, considerando que é no velho que o novo se sustenta.

O LD de LI apropria-se da página e-mail que circula na internet, fazendo um *print screen*, isto é, tirando uma foto da página e reproduzindo-a com a impressão de fidelidade na página impressa do LD (ver anexo). Ao fazer esse movimento, ele realiza um processo inverso em relação ao que os estudos sobre gêneros digitais têm mostrado: “os gêneros tradicionais como o livro ou artigo acadêmico mudaram intacto para a web” (CROWSTON; WILLIAMS, 1997). O que vimos, até então, são os gêneros que circulam em sociedade, seja através das infinitas possibilidades de uso da linguagem que as pessoas fazem por meio dos atos de fala ou via material impresso, sendo transpostos para o ambiente digital e, esse movimento possibilita não só uma circulação maior, mas também reprodução e alteração desses gêneros.

Nesse sentido, as tecnologias são portadoras de habilidades e conhecimentos culturais e sociais que são apreendidos pelos sujeitos, ou seja, internalizados, produzindo

transformações individuais. Sendo a tecnologia internalizada e o sujeito transformado ao fazer uso das tecnologias, o sujeito produz mudanças, transformações na tecnologia a serviço de seus propósitos, de suas necessidades.

Nesse movimento inverso feito pelos autores do LD, observamos uma remediação (BOLTER, 2002), ao apropriar-se das características do gênero digital e-mail, ao fazer um *print screen* da tela do computador, retirando-a do ambiente digital e colocando-a impressa na página do material didático, eles acabam executando uma transformação não só no próprio material didático, mas também no gênero digital, que deixa de ser digitalizado para voltar a ser impresso, o que nos faz lembrar os velhos bilhetes e cartas enviados pelo correio (MARCUSHI, 2004).

Outro e-mail é apresentado, logo abaixo desse redigido por Susan (ver anexo), propondo um modelo de escrita, um rascunho (draft), do que poderia ser uma resposta ao e-mail enviado pela garota. O e-mail é redigido como se fosse Michael que, prontamente, envia à Susan suas frases favoritas proferidas por Einstein. O aluno precisa se colocar no lugar do outro (Michael) para responder o e-mail, dessa forma, ele se desloca, sai de sua posição e coloca-se na posição desse outro sujeito: fã de Albert Einstein e que sabe várias frases proferidas pelo cientista e tem uma que é sua favorita (*My favorite one is...*), concedendo ao aluno certo saber, portanto, “poder” (FOUCAULT, 1999). Porém, como direcionamento ao aluno no enunciado da atividade, fica uma lacuna: o aluno, para responder, precisa fazer uma pesquisa não só nos textos e billboards daquela unidade, como também deve pesquisar na internet, demonstrando que, além de não saber inglês, ele também não sabe as frases de Einstein. Entretanto, observamos que se o aluno seguir essas indicações do LD, este poderá proporcioná-lo um momento de aprendizagem da língua inglesa, por meio das frases famosas de Einstein.

Ambos os textos, além de se apresentarem no formato de páginas da Web, especificamente, no formato da página de e-mail, também, apresentam características próprias de linguagem usadas em e-mails, ou seja, linguagem informal: *Hi* e *Best* - respectivamente, expressões coloquiais de cumprimento e de despedida. No primeiro e-mail, são exemplos de informalidades, marcas da oralidade: *Well... yes...* - expressões usadas na linguagem oral; *Many thanks* - forma de agradecimento informal; *Please write soon* – usado para pedir resposta em tom bem informal. No segundo e-mail, podemos apontar como exemplos de

linguagem informal, característica própria do gênero e-mail pessoal: *No problem... I'll be glad..., You're right.*

Vale ainda ressaltar, no segundo e-mail, as expressões usadas para expressar opiniões: *I believe.../ In my opinion...*, conduzindo o aluno a se posicionar. Porém, o LD já apresenta ao aluno uma linguagem pronta, tendo este apenas que pesquisar para completar os espaços deixados em branco, o que significa que sua produção escrita já é um “dado”, um todo visível, não há quase nada que podemos atribuir como uma produção escrita própria do aluno.

Apesar do uso da linguagem informal nos dois e-mails, do simulacro (DELEUZE, 2011) dos gêneros digitais que passam a circular no material impresso - uma dissimulação do meio digital - há predominância da linguagem formal. A linguagem utilizada no conteúdo da mensagem, principalmente, no que se refere ao primeiro e-mail apresentado, não é comum nem mesmo a um aluno falante da língua alvo. Ele não escreveria dessa forma nesse ambiente digital: sem uso de abreviações, de internetês, e com concordância gramatical de uso padrão da língua. Esse tipo de linguagem mais formal, na verdade, é o que se espera que o aluno faça uso, pois o objetivo da aula de língua inglesa é o aprendizado da língua alvo. Portanto, afirmamos que no LD acontece uma remediação (BOLTER, 2002) de um gênero da web, ocasionando modificações. O gênero digital e-mail é deslocado do seu lugar de circulação e, conseqüentemente, sua linguagem é modificada.

Outro exemplo característico da remediação dos gêneros virtuais ou digitais está no livro *Prime 2*, nas páginas 178 e 183, (ver anexo). Na seção chamada *Genre Analysis*, temos outro recorte representativo de remediação dos gêneros digitais, dessa vez é o weblog. Além do recurso visual, uma foto de três adolescentes em frente à tela de um computador “moderno”, com faces alegres, bem sorridentes, demonstrando grande interesse pelo que se vê na tela, os dizeres do início da atividade direcionam o aluno para a seção anterior estudada, em que apresenta um texto no formato de um blog. A tarefa do aluno, por meio do apresentado, é detectar, por meio da observação, quais são as características do blog dentro de uma lista dada ao aluno. Em seguida, é apresentada ao aluno a origem dos blogs, explicando que eles se tornaram uma versão virtual dos diários escritos no papel.

Nota-se o uso da linguagem visual, como uma forma de comunicação, interação entre o livro didático e o aluno. A foto apresenta três adolescentes de diferentes etnias: branca, parda e negra como uma forma de se identificar com as diferentes etnias que, provavelmente,

há na sala de aula. Assim, os alunos estariam se vendo, ao lançar um olhar para o LD, levando-os a ter o mesmo interesse mostrado pelo olhar atento das garotas, na foto, por algo que eles possam encontrar na internet. Vale ressaltar que o material didático privilegia o sexo feminino em relação ao masculino, considerando que a foto é constituída de três garotas, o que denuncia certa incoerência, uma contradição do material, uma vez que o mesmo deve respeitar a diversidade étnica, social e cultural; porém, especificamente, nesta foto, deixa de contemplar a de gênero: masculino/feminino.

Para listar as características do gênero blog, o aluno deve rever as páginas anteriores, onde apresentam textos com o formato de blogs. Por meio da observação, espera-se que ele seja capaz de identificar as seguintes características desse gênero: os textos são curtos, são sobre algo que as pessoas leram, escritos em primeira pessoa do singular e pelos visitantes do blog, expressam suas opiniões e, são escritos nas páginas do blog.

As características do blog apresentadas pelo LD de LI corroboram com as já discutidas por pesquisadores trazidos aqui: Braga (2007) e Lemos (2005), que afirmam que eles são muito populares, fáceis de editar, atualizar e manter a serviço de interesses comunicativos diversos. Ainda, fazemos referência à pesquisa sobre blogs jornalísticos, realizada por Oliveira (2013, p. 157): que comenta que os “cidadãos comuns” passaram a enxergar “neles uma oportunidade de manifestarem suas opiniões em um canal alternativo à grande mídia [...], passando a contar com maior colaboração e interatividade por parte dos leitores”.

Para finalizar as atividades da unidade temática, a produção escrita (ver anexo) é requerida do aluno, o que é uma característica típica de todos os LD de LI que fazem parte do PNLD, já mencionado aqui. Novamente, o aluno é convidado a retornar na página anterior, em que apresenta a escrita de um blog sobre um projeto de reciclagem: aquecedor solar feito de garrafas Pet (A Solar Water Heater Made of Pet Bottles), na página dos posts que as pessoas enviaram e; assim, o aluno deve refletir sobre a problemática discutida no blog: reutilização de *pet bottles* e, sobre as opiniões das pessoas que postaram no blog.

O segundo passo que o aluno deve seguir, sugerido pelo LD, é usar o espaço dado, no próprio livro, para escrever um rascunho, seguindo uma série de sugestões: pedir para um colega ler o que ele escreveu; fazer as correções sugeridas pelo colega; mostrar a sua escrita final para os demais alunos da sala e para o professor. E, por último, o aluno deve postar sua produção escrita no blog (o livro traz o site em que o aluno deve entrar para fazer a sua

postagem), e ler as opiniões dos demais no blog. Portanto, a produção escrita final do aluno é o resultado de um diálogo que o aluno estabelece entre os textos evidenciados no LD, as vozes de seus colegas de classe, da professora e dos textos publicados no espaço virtual, confirmando o caráter dialógico da linguagem (BAKHTIN, 1997).

Apesar de haver uma remediação (BOLTER, 2002) dos gêneros digitais para o LD de LI, vale enfatizar que a maneira como a atividade de produção escrita do aluno no LD de LI é conduzida é fundamentada nos procedimentos metodológicos já tanto evidenciados em outros LDs de língua estrangeira. Isso significa que a produção escrita é centrada em um “processo que envolve revisões e reescritas”, (DIAS, 2009, p. 215), colaboração entre pares, de caráter não linear, dando importância à sugestão de alterações fornecidas nas interações entre “pares, trios de alunos ou entre professor e seus alunos” (2009, p. 219). É mais uma vez o velho que se faz novo, porém, o novo é sustentado no velho.

O fato de o aluno lançar-se mão do uso da tecnologia vem a fortalecer esse processo de escrita colaborativa. O que talvez ficasse só no papel, como orientação para ser seguido, agora é uma prática social, principalmente, na escrita do blog, onde os participantes devem se inteirar do assunto, ler as mais diversas opiniões, e assim, o leitor/escritor possa emitir a sua opinião, sendo esta a favor ou contra das tantas já em exposição, como ele também pode expressar uma ideia inovadora, sem ainda ter sido mencionada por nenhum dos participantes.

Pode ser que o aluno não realize todos os passos sugeridos no LD; porém, a probabilidade de que ele leia as opiniões dos outros no blog é bem maior do que ler e opinar sobre o texto do colega na folha, seja do caderno ou do livro, contribuindo para rompimento de “fronteiras” (MACHADO, 2003), entre o impresso e o digital nesse mundo plugado e híbrido, onde autor e leitor fundem-se numa mesma função... é “a exterioridade e a interioridade... Essa passagem contínua de dentro para fora, como um anel... essa identificação cruzada do leitor e do autor... contribui para... uma escrita interminável” (LÉVY, 1996, p. 45-46).

## **Conclusão**

Nesta pesquisa, tivemos como objetivo observar e descrever de modo crítico/reflexivo a maneira como os autores de coletâneas de livros didáticos de língua inglesa para o segmento

do ensino médio, integrantes do PNLD, apropriaram-se dos gêneros virtuais ou digitais (cibergêneros). Para tal, empreendemos uma análise interpretativa nas atividades didáticas em que acontece a remediação dos gêneros digitais ou virtuais, especificamente, o e-mail e o blog.

Relatamos duas atividades de produção escrita no LD de LI que fazem uso dos gêneros digitais: e-mail e weblog. Ambas as atividades, a de escrita de um e-mail e a de postagem em um blog apresentaram, primeiramente, textos nesses formatos e, em seguida, suas características, para depois requisitar do aluno sua escrita nesses formatos. Observamos que a produção escrita, normalmente, é a última atividade, da unidade temática, a ser realizada, característica não dos livros integrantes do PNLD, mas de tantos outros de ensino não só de língua estrangeira, mas também de língua materna.

Apesar da escrita dos dois e-mails apresentarem características da linguagem oral, informal, da escrita ser concisa, objetiva, da falta de formalidades entre os interlocutores por se tratar de colegas de escola, características próprias do gênero digital e-mail, a escrita dos e-mails é uma escrita sem erros ortográficos, sem abreviaturas, sem uso dos *emoticons*. Para nós, essa escrita significa uma escrita híbrida, heterogênea, com características típicas da formalidade do ensino de segunda língua que a situação exige, pois o aluno deve aprender as formas corretas, padronizadas de uso da língua com propriedades particulares dos e-mails, como a escrita de marcas da oralidade: *Hi...*, *Well...*, *Yes...*, *Best*.

A nosso ver, esse posicionamento dos autores dos LDs de LI, quanto à atividade de produção escrita de um e-mail, vem corroborar com a concepção de linguagem dialógica entre o impresso e o digital, entre o material didático, o virtual e o aluno, portanto, polifônica, ou seja, constituída por várias vozes, (BAKHTIN, 1997), em um processo de construção social, que se manifesta em uma diversidade de gêneros circulados tanto no meio impresso, quanto no digital. Essa circularidade pode acarretar mudanças, transformações, como visto nos textos em formatos de e-mail, no livro *On Stage 3*, p. 64.

Quanto à produção escrita do livro *Prime 2*, p. 183, vale ressaltar a visão de escrita colaborativa que permeia essa atividade, característica híbrida, heterogênea e dialógica. Essa visão de produção escrita não é só das questões teórico-metodológicas de ensino e aprendizagem de LE, mas também de qualquer escrita, principalmente, a veiculada no meio digital. Se no material didático, pede-se que o aluno troque sua redação, leia a do colega, sugira e aceite as sugestões de mudanças no seu texto, visão de aprendizagem

sociointeracional (VYGOTSKY, 1996), inevitavelmente, para postar alguma coisa no blog, é preciso que o participante saiba qual é o assunto tratado, que ele leia as opiniões, anteriormente, postadas e, após a leitura, sua postagem pode ser alterada em relação do que ele tinha em mente antes de ler as opiniões dos demais.

Assim, podemos afirmar que os gêneros virtuais ou digitais (cibergêneros) possuem tanto características próprias quanto características de gêneros tradicionais e dos procedimentos teórico-metodológicos de ensino de LE e, que o uso desses gêneros no ambiente digital provoca mudanças não só neles mesmos, mas também, naqueles com os quais mantinham ou ainda mantêm semelhanças. Essas mudanças são imprevisíveis e, elas podem contribuir para a produção, reprodução ou alteração de gêneros, conforme argumentam Crowston e Williams (1997).

Considerando que a produção desses livros foi específica para o público da rede oficial de ensino do país, e que garantir a acessibilidade às novas tecnologias é um dever das instâncias governamentais, acreditamos que essa remediação dos gêneros digitais para LD de LI é uma maneira de assegurar essa acessibilidade, embora não há garantia de que ela ocorra. Tudo depende da maneira como o professor e alunos conduzirão a aula. O LD fornece o site para o aluno fazer a postagem de sua produção escrita no blog, mas não podemos saber se há computadores e internet na escola, se o aluno dispõe desses meios em sua residência para realizar a atividade por completo.

Mesmo a escola disponibilizando esses artefatos, mesmo o aluno possuindo recursos em casa, não há garantia do que professores e alunos fazem com esses dispositivos tecnológicos. Podemos afirmar que houve remediação dos gêneros digitais para o LD, houve remediação para o LD do que se vê na tela do computador, do que se faz na internet, mesmo em forma de simulacro (DELEUZE, 2011); o aluno foi exposto à formatação, ao formato, à estruturação, aos componentes linguísticos desses gêneros circulados na internet, aos usos formais e informais da língua alvo. Porém, nada disso adiantará se o posicionamento dos interlocutores não for crítico, de acordo com suas necessidades, potencialidades, quanto ao uso não só do material didático, mas principalmente, das novas tecnologias no ensino e aprendizagem de língua inglesa.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 277-326.
- BRAGA, D. B. Letramento na internet: o que mudou e como tais mudanças podem afetar a linguagem. O ensino e o acesso social. In: KLEIMAN, A. CAVALCANTI, M. C. (orgs.). *Linguística aplicada: suas faces e interfaces*. Campinas: Mercado de Letras, 2007, p. 181-198.
- BRASIL, SECRETARIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA. *Guia de livros didáticos: PNLD 2012: Língua Estrangeira Moderna*. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2011.
- BOLTER, J. D. Remediation and the Desire for Immediacy. *Convergence*, v. 6, n. 1, 2000, p. 62-71.
- BOLTER, J. D. The breakout of the visual. In \_\_\_\_\_. *Writing space: computers, hypertext and the remediation of print*. 2. Ed. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 2002, p. 47 -76.
- CABALLERO, R. Theorizing about genre and cybergenre. *CORELL: Computer Resources for Language Learning* 2, 2008, p. 14-27.
- CROWSTON, K.; WILLIAMS, M. Reproduced and emergent genres of communication on the World-Wide Web. *Proceedings of the Thirtieth Annual Hawaii International Conference on System Sciences*. N. 3, 1997.
- DELEUZE, G. *Lógica do Sentido*. Trad.: Luiz Roberto Salinas Fortes. 5ª Ed. São Paulo: Editora: Perspectiva, 2011.
- DIAS, R. Critérios para avaliação de livro didático de língua estrangeira no contexto do segundo ciclo do ensino fundamental In: DIAS, R.; CRISTOVÃO, V. L. L. (orgs.). *O livro didático de língua estrangeira: múltiplas perspectivas*. Campinas: Mercado de Letras, 2009, p. 199-234.
- DIAS, R.; LEMOS, A.; FARIA, R.; JUCA, L.; *Prime: inglês para o ensino médio*. Vol. 2. 2ª Ed. São Paulo: Macmillan, 2010.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. 14ª Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- LEMONS, A. Cibercultura Remix. In: Seminário Sentidos e Processos. São Paulo, Itaú Cultural, agosto de 2005. Disponível em: [http://www.hrenatoh.net/curso/textos/andrelemos\\_remix.pdf](http://www.hrenatoh.net/curso/textos/andrelemos_remix.pdf). Acesso em: julho 2013.
- LÉVY, P. *Cibercultura*. Trad.: Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.
- LÉVY, P. *O que é o virtual?* Trad.: Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.
- MACHADO, I. Gêneros digitais e suas fronteiras na cultura tecnológica. In: *Revista Educação & Tecnologia*. Periódico técnico Científico dos Programas de Pós-Graduação em Tecnologia dos CEFETs – PR/MG/RJ. Ano 4, n. 6, 2003, p. 117-128.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p. 13-67.
- MARQUES, A. *On Stage: ensino médio*. Vol. 3. São Paulo. Ática, 2010.
- OLIVEIRA, M. R. Interações na blogosfera. In: SHEPHERD, T. G.; SALIÉS, T. G. *Internet da linguística*. São Paulo: Contexto, 2013, p. 157-179.
- PAIVA, V. L. M. O. E-mail: um novo gênero textual. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A.C. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p. 68-90.

PRENSKY, M. Nativos digitais, imigrantes digitais. Trad.: Roberta de Moraes Jesus de Souza. On the Horizon - NCB University Press, v. 9, n. 5, 2001. Disponível em [www.Marcprensky.com/.../Prensky%20-%20Digital%20Nativos](http://www.Marcprensky.com/.../Prensky%20-%20Digital%20Nativos). Acesso em: 13 abr. 2013.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 5ª Ed. São Paulo: Martins fontes, 1996.

### Site consultado

<http://technorati.com/state-of-the-blogosphere/>. Acesso em: 10 out. 2013.

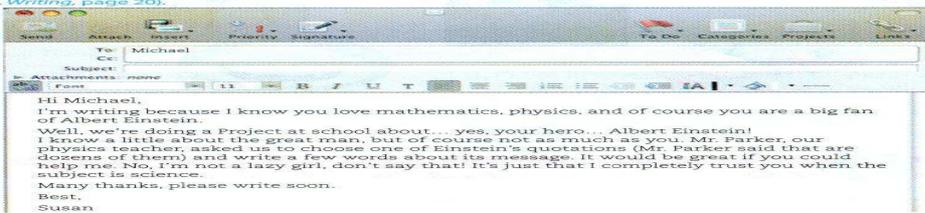
## ANEXO

**Writing**

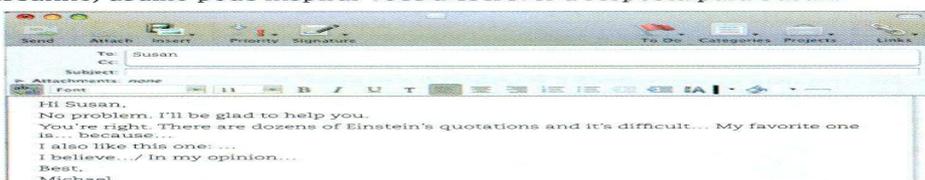
Susan enviou a Michael um e-mail com um pedido um tanto inusitado. Como os dois são muito amigos, ela sabe que o rapaz não vai se sentir explorado – na verdade, ele sempre recebe com alegria qualquer oportunidade de ajudar a divulgar assuntos relacionados à ciência, uma de suas grandes paixões.

Imagine que você é o Michael: faça uma pesquisa nos textos e billboards desta Unit (p. 54, 55, 56, 57, 58, 60, 61 e 62) e em outras fontes na internet. Em seguida, escreva um e-mail respondendo à mensagem de Susan.

Orienta os alunos a observarem as características de um e-mail em tom informal (o uso de *Hi* para cumprimentar, de *please write soon* para pedir resposta, de *best* para se despedir), comparando a mensagem de Susan com a de Estela (Unit 1, Writing, page 20).



O draft (rascunho) abaixo pode inspirar você a escrever a resposta para Susan:



On Stage 3, p. 64.

**Genre analysis**



In the previous section you read a blog entry and some posts on it. What are the characteristics of the posts you read? Choose the correct alternatives.

**Blog posts** are usually:

<input checked="" type="checkbox"/> a short	<input type="checkbox"/> long
<input type="checkbox"/> b written by the blog creator	<input checked="" type="checkbox"/> written by the blog visitors
<input type="checkbox"/> c based on research	<input checked="" type="checkbox"/> based on peoples' opinions
<input checked="" type="checkbox"/> d about something people read	<input type="checkbox"/> about something people hear
<input type="checkbox"/> e written on an e-mail	<input checked="" type="checkbox"/> written on the blog page
<input checked="" type="checkbox"/> f written in the first person singular	<input type="checkbox"/> written in the second person singular

**DID YOU KNOW . . .**  
The word **blog** is said to come from **weblog**. In fact, one of the first users of a blog was to keep a log of links to websites he bloggers found interesting and wanted to share with friends. Later, **blogs** became the virtual version of the paper diaries, where bloggers wrote little posts about their personal lives and allowed comments from their friends. Nowadays, blogs can be almost anything you want...

Prime 2, p. 178.

